

## A PERSONAGEM FEMININA NO CONTO MACHADIANO: UM OLHAR SOBRE ELISA E LUCRÉCIA

Andressa dos Santos Vieira<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo propõe uma análise das personagens femininas Elisa e Lucrecia presentes nos contos de Machado de Assis: *Virginus: narrativa de um advogado* (1864) e *O caso da vara* (1891), observando a representação dessas mulheres em condição de escravidão, liberdade e dependência a partir das condições sociais nas quais estão inseridas. Os contos serão analisados considerando a condição de subalternidade geradora de sofrimento a partir de diferentes tipos de violências sofridas por elas, uma vez que o contexto social é marcado pelo patriarcalismo, pela instituição da escravidão e pela segregação do negro. O aporte teórico contará com estudos de autores como Eduardo de Assis Duarte, Mailde Jerônimo Trípoli e Alcides Villaça.

**Palavras-chave:** Machado de Assis. Personagem feminina. Subalternidade.

## THE FEMALE CHARACTER IN MACHADO'S TALE: A GLANCE OVER ELISA AND LICRÉCIA

**Abstract:** This paper an analysis of female characters Elisa and Lucrecia on tales of Machado de Assis: *Virginus: narrativa de um advogado* (1864) and *O caso da vara* (1891), observing these women representation in slavery condition, freedom, and dependency based on social conditions in which are inserted. The analysis of the tales will consider the subalternity condition that generates suffering from different types of violence suffered by the women, since the social context is marked by patriarchy, by the institution of slavery, and by black segregation. The theoretical contribution included the studies by authors as Eduardo de Assis Duarte, Mailde Jerônimo Trípoli and Alcides Villaça.

**Keywords:** Machado de Assis. Female character. Subalternity.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista CAPES.

### Considerações Iniciais

A aparição do negro na literatura brasileira ocorre de forma discreta, normalmente, através de personagens construídos a partir de estereótipos, como a sensualidade feminina exacerbada, e de preconceitos, como a associação da figura do negro com o trabalho braçal, criados pela cultura escravagista. Esses fatores estabeleceram que o negro não se destacasse enquanto autor de histórias, mas como personagem ou tema delas. Com isso, os personagens negros acabaram por ocupar um “lugar menor na literatura brasileira. Na prosa, é um lugar muitas vezes inexpressivo, quase sempre de coadjuvante ou, mais acentuadamente no caso dos homens, de vilão” (DUARTE, 2013, p. 147).

No caso das mulheres, as personagens negras na condição de personagens principais podem ser vistas com maior frequência no percurso da literatura brasileira, porém a forma como esse destaque acontece é que chama a atenção, devido ao fato de o mesmo surgir

marcado, em muitos casos, pela permanência, na ante cena textual, do mesmo projeto de desumanização que subjaz à estereotipia. Ele se manifesta em construções que ressaltam, por exemplo, a sensualidade e a disponibilidade para o sexo sem compromissos ou consequências, novamente de acordo com imagens sociais determinadas *a priori*, como a da “mulata assanhada” entre outras. Enquanto forma de aprisionamento social e cultural, o estereótipo petrifica as identidades em figurações de face única, ralas e carregadas de univocidade (DUARTE, 2013, p. 147).

Na contramão dessas personagens femininas, construídas a partir do estereótipo da negra que exala intensa sensualidade e se torna irresistível ao homem branco, encontram-se as personagens negras machadianas presentes em seus contos através da representação de mulheres, em condição de escravidão, liberdade e dependência, que são construídas em torno de suas personalidades e condições sociais, visando ressaltar os sofrimentos sentidos por elas, normalmente ocasionados pelo uso da violência pelo senhor, devido a

sua inserção em um contexto social marcado pelo patriarcalismo, pela instituição da escravidão e pela segregação do negro.

Desta forma, a partir da leitura do conto *Virginius: narrativa de um advogado*, publicado no Jornal das Famílias entre os meses de julho e agosto de 1864, e do conto *O caso da vara*, publicado no jornal Gazeta de Notícias em 1º de fevereiro de 1891, é possível perceber nas personagens femininas Elisa e Lucrecia “o ser humano e sua interioridade psicológica e moral”, afinal “o escravo, antes de sua condição servil, era um ser humano; e assim Machado o via e o retratava em sua obra” (TRÍPOLI, 2008, p. 2).

### **Elisa**

O conto *Virginius: narrativa de um advogado* tem início quando um prestigioso advogado recebe um bilhete, sem assinatura, solicitando seus serviços em outra cidade para a defesa de um réu chamado Julião. Apesar de não ter reconhecido a letra e não ter sido informado de mais detalhes sobre o caso, ele decide aceitar e, após oito dias, se dirige à cidade em um cavalo fornecido pelo contratante misterioso. Ao chegar, decide passar na casa de um amigo da faculdade que lê o bilhete e diz que a letra pertence a alguém conhecido como *Pai de todos*, um fazendeiro chamado Pio que, devido a sua caridade, recebe a admiração de todos nas redondezas.

No dia seguinte, o advogado vai à cadeia para ouvir a versão de seu cliente e, se surpreende ao descobrir que Julião havia matado Elisa, sua filha, com duas fortes punhaladas no peito, na tentativa de evitar que o jovem Carlos, filho do *Pai de todos*, tirasse a honra da moça. Confuso sobre como agir nessa situação, o advogado vai até Pio a fim de conseguir mais informações sobre o caso, afinal o velho homem era o responsável pelo pagamento da defesa do réu. Durante a conversa, Pio revela que enviara seu filho para ser soldado em um batalhão de linha de frente, como um castigo honroso, por ter causado a morte da jovem.

Após o estabelecimento do júri e concluídas todas as etapas do julgamento, Julião pega uma pena de dez anos de prisão pelo assassinato da filha. O advogado encerra os escritos de suas lembranças afirmando que, após cumprir sua pena, Julião acaba retornando para a fazenda de Pio, onde vive, e que agora esses dois pais que outrora realizaram os funerais de seus filhos estão ligados pela infelicidade e que mesmo passado tanto tempo, ambos oram, semanalmente, ao pé da urna que contém as cinzas da amada Elisa.

Na conversa que tem com seu advogado, Julião descreve a filha como a “mulatinha mais formosa daquelas dez léguas em redor” (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 738). A descrição feita pelo pai revela que tanto o pai quanto a filha pertencem a uma classe social diferente de Carlos e de seu pai Pio, devido à cor da pele, afinal, segundo o narrador, a história se passa em meio a um turbulento São João em algum momento da década de 1850, ou seja, em plena vigência da escravatura em solo brasileiro.

Mesmo inseridos no contexto da escravidão, Elisa e o pai vivem tranquilamente em um sítio, próximo à fazenda de Pio, que haviam recebido do *Pai de todos*. Aparentemente, o fazendeiro não se mostra adepto da escravidão, mantendo em suas terras um sistema de colaboração, no qual todos realizam tarefas determinadas e a cada ano alguns escravos almejam a liberdade definitiva, como explica o amigo ao advogado:

Pio não tem escravos, tem amigos. Olham-no todos como se fora um Deus. É que em parte alguma houve nunca mais brando e cordial tratamento a homens escravizados. Nenhum dos instrumentos de ignomínia que por aí se aplicam para corrigi-los existe na fazenda de Pio. Culpa capital ninguém comete entre os negros da fazenda; a alguma falta venial que haja, Pio aplica apenas uma repreensão tão cordial e tão amiga, que acaba por fazer chorar o delinquente. Ouve mais: Pio estabeleceu entre os seus escravos uma espécie de concurso que permite a um certo número libertar-se todos os anos. Acreditarás tu que lhes é indiferente viver livres ou escravos na fazenda, e que esse estímulo não decide nenhum deles, sendo que, por natural impulso, todos se portam dignos de elogios? (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 736).

Devido às condições de vida na fazenda de Pio, Carlos e Elisa crescem juntos e, por ser apenas três anos mais velho que ela, os dois estavam “[...] quase sempre juntos, naquela comunhão da infância que não conhece desigualdades nem condições. Estimavam-se deveras, a ponto de sentirem profundamente quando foi necessário a Carlos ir cursar as primeiras aulas” (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 738). Porém, anos mais tarde, ao retornar da cidade formado bacharel, Carlos havia se transformado, após manter contato com a sociedade fora da fazenda, deixando claro que um enorme “[...] abismo separava o filho do protetor da filha do protegido” (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 738).

Pensando na figura de Pio, todos esperavam que seu filho, Carlos, se tornasse um homem justo como o pai. Mas, após anos afastado do estilo de vida da fazenda e estando inserido no contexto de uma sociedade escravocrata, ele acaba revelando seu lado dominador ao intimidar a jovem Elisa e não aceitar bem a recusa:

— Meu pai, o que tenho é simples. O senhor Carlos, em quem comecei a notar mais amizade que ao princípio, declarou-me hoje que gostava de mim, que eu devia ser dele, que só ele me poderia dar tudo quanto eu desejasse, e muitas outras coisas que eu nem pude ouvir, tal foi o espanto com que ouvi as suas primeiras palavras. Declarei-lhe que não pensasse coisas tais. Insistiu; repeli-o... Então, tomando um ar carrancudo, saiu, dizendo-me:

— Hás de ser minha! (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 739).

O discurso de Carlos, “hás de ser minha”, expõe seu pensamento acerca do lugar da mulher negra na sociedade, explicitado pela aspiração de cunho sexual por Elisa, a quem vê como uma posse devido ao fato de ser filha de um agregado de seu pai. Indignado com a rejeição sofrida, ele “sente seu desejo sexual crescer, o que o faz esquecer por completo de sua antiga índole, já enfraquecida pela vivência na cidade. Passa a ver a antiga amiga querida, Elisa, como mera subordinada, da qual pode usufruir como bem quiser” (KRECH, 2010, p. 153).

Desprezado, o jovem decide utilizar da violência física como forma de dominá-la e determina a invasão da casa de Julião, acompanhado de quatro capangas, com a intenção de estuprar a jovem Elisa:

Uma tarde [...] voltava Julião da fazenda do velho Pio. Era já perto da noite. [...] Quando se achava mais perto, ouviu uns gritos sufocados. Deitou a correr e penetrou no terreiro que circundava a casa. Todas as janelas estavam fechadas; mas os gritos continuavam cada vez mais angustiosos. [...] mas os gritos eram muitos, e de sua filha. Com uma força difícil de crer em corpo tão pouco robusto, conseguiu abrir uma das janelas. Saltou, e eis o que viu:

A parenta que convidara a tomar conta da casa estava no chão, atada, amordaçada, exausta. Uma cadeira quebrada, outras em desordem.

— Minha filha! — exclamou ele.

E atirou-se para o interior.

Elisa debatia-se nos braços de Carlos, mas já sem forças nem esperanças de obter misericórdia.

[...] Julião teve tempo de arrancar Elisa dos braços de Carlos. Cego de raiva, travou de uma cadeira e ia atirar-lha, quando os capangas, entrados a este tempo, o detiveram (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 740).

A figura violenta de Carlos exprime a postura do homem branco em seu papel de dominação através do uso da força e da violência, muito comum na época, que não se incomoda em subjugar o outro a partir da condição social de inferioridade e, principalmente, pela cor de sua pele. O fato de Elisa ser uma mulher negra pertencente a uma camada social inferior a transforma em obsessão sexual para o rapaz. Esse comportamento de Carlos permite que o medo da desonra estabelecido entre pai e filha culmine em tragédia:

Julião tinha os braços atados; mas podia mover, ainda um pouco, as mãos. Procurou afagar Elisa, tocando-lhe as faces e beijando-lhe a cabeça. Ela inclinou-se e escondeu o rosto no peito de seu pai.

A sentinela não dava fé do que se passava. Depois de alguns minutos do abraço de Elisa e Julião, ouviu-se um grito agudíssimo. A sentinela correu aos dois. Elisa caíra completamente, banhada em sangue.

Julião tinha procurado a custo apoderar-se de uma faca de caça deixada por Carlos sobre uma cadeira. Apenas o conseguiu, cravou-a no peito de Elisa. Quando a sentinela correu para ele, não teve tempo de evitar o segundo golpe, com que Julião tornou mais profunda e mortal a primeira ferida. Elisa rolou no chão nas últimas convulsões.

— Assassino! — clamou a sentinela.

— Salvador!... salvei minha filha da desonra! (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 741).

Carlos permaneceu indiferente ao que havia acontecido com Elisa e, logo, tratou de assumir o controle da situação, uma vez que buscava afirmar ser o detentor do poder:

Não tardou que entrasse Carlos, acompanhado de uma autoridade policial e vários soldados.

Saindo da casa de Julião, teve a ideia danada de ir declarar à autoridade que o velho lavrador tentara contra a vida dele, razão por que teve de lutar, e conseguira deixá-lo amarrado. (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 741).

Os traços violentos que integram a relação entre Carlos, Elisa e Julião estão postos, no conto, de forma que o leitor consegue identificar “a representação da crueldade inerente às relações interétnicas no século XIX” (DUARTE, 2009, p. 262). Essas marcas do uso da força, do branco para com o negro, embasada pela violência física, surgem para afirmar o lugar do negro e do escravo na sociedade oitocentista, independentemente do fato de Elisa e Julião se tratarem de pessoas livres, afinal ambos estão inseridos no contexto da dependência, no qual impera o sistema patriarcal acostumado a um estilo de vida proporcionado pela exploração do outro.

### Lucrécia

O conto *O caso da vara* tem início com a fuga do jovem Damião que até então se encontrava no seminário para se tornar padre. Depois de fugir, o menino não sabe para onde ir, uma vez que não pode voltar para casa, pois seu pai o mandaria imediatamente de volta para o seminário. Sabendo da relação de proximidade que Sinhá Rita mantém com seu padrinho João Carneiro, Damião decide ir até a casa dela para pedir ajuda. Inicialmente, Sinhá Rita afirma não poder ajudar, mas acaba sendo persuadida por ele e resolve apadrinhá-lo. Ela convoca o padrinho de Damião e exige que ele resolva a situação do menino

junto ao pai, informando-lhe que o mesmo não voltaria ao seminário por não ter vocação.

Enquanto esperam por notícias de João Carneiro, Sinhá Rita e Damião recebem a visita de suas vizinhas, que costumam frequentar sua casa diariamente. Durante a conversa, a dona da casa pede que Damião conte uma anedota para as convidadas, a mesma que havia contado para ela mais cedo, fazendo com que uma das escravas, chamada Lucrecia, parasse seu trabalho de agulha para rir, sendo repreendida e ameaçada por Sinhá Rita e fazendo com que Damião se sinta culpado e prometa, para si mesmo, apadrinhar a menina pra evitar que ela sofra punições provenientes do possível atraso na entrega do trabalho.

Após receber notícias de João Carneiro de que não havia nada definido, Sinhá Rita pede que as escravas entreguem os trabalhos de agulha. Ao perceber que Lucrecia não havia finalizado o trabalho, a mulher se enfurece, agarra a menina e decide castigá-la fisicamente com uma vara. Ela pede para Damião lhe entregar a vara, enquanto segura a menina com firmeza, o menino fica indeciso enquanto escuta as súplicas de Lucrecia, afinal havia prometido apadrinhá-la, porém, diante da necessidade de ser ajudado por Sinhá Rita, ele decide pegar a vara e entregá-la à mulher.

Partindo de uma cena aparentemente comum da sociedade de meados dos anos 1850, o narrador expõe as situações corriqueiras de violência dos senhores para com seus escravos. Um forte indício do uso de violência física pode ser comprovado na passagem utilizada para descrever a menina escrava Lucrecia: “Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. [...] tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação” (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 526). A cicatriz na testa indica que a menina já havia sido submetida a episódios de violência física no passado,

enquanto a queimadura na mão evidencia a aplicação de um castigo físico recentemente.

Apesar da pouca idade de Lucrecia, sua condição de mulher negra e escrava imersa numa relação de poder permite que ela seja tratada como força de trabalho subserviente à Sinhá Rita, que não hesita em demonstrar seu poder através do controle, afinal nesse conto “a escravidão se mostra mais pelo aspecto cruel da dependência entre os brancos e os escravos, revelando como a sociedade de favores se criou. A obediência é determinada pelo medo e pela submissão” (TAUSCHER, 2010, p. 142):

Dentro de pouco, ambos eles riram, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça. Uma destas, estúrdia, obrigada a trejeitos, fez rir a uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a:

— Lucrecia, olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrecia receberia o castigo do costume [...] (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 526).

A pequena escrava, desprovida de direitos por pertencer à parcela da sociedade segregada pela cor da pele, torna-se passível da dominação senhorial e das demonstrações de poder pautadas pela força e pelo uso de violência física:

Era a hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os; todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrecia estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

[...] E tornaram ambas à sala, uma presa pela orelha, debatendo-se, chorando e pedindo; a outra dizendo que não, que a havia de castigar.

— Onde está a vara?

A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

— Senhor Damião, dê-me aquela vara, faz favor? (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 528).

Damião não sabe como agir com a iminência do castigo físico de Lucrecia, afinal ele se encontra totalmente inserido nas relações de favorecimento, muito

comuns na sociedade brasileira e que Alcides Villaça vai chamar de “apadrinhamento”:

A apresentação do sistema de apadrinhamento e de favores não está, no entanto, completa, como logo nos faz ver o conto. Os “negócios de família”, que a princípio não envolveriam mais que Damião e seu pai, estenderam-se já ao padrinho e à sua amante, todos brancos e livres, cada um enredado de modo muito particular nessa teia de relações pessoais que refere também uma prática social de valores – mas é a entrada em cena da menina Lucrecia que permitirá ao narrador avaliar o quadro familiar e burguês a partir de uma perspectiva ordinariamente escamoteada (VILLAÇA, 2006, p. 26).

Essas relações de favorecimento são retratadas pelo autor através das súplicas que o jovem faz à Sinhá Rita para livrá-lo do seminário e das súplicas que a jovem escrava faz a Damião para que a livre da punição, mas, em sua condição, o jovem não hesita em sobrepujar suas necessidades em detrimento das súplicas de uma escrava:

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita (MACHADO DE ASSIS, 2015, p. 529).

Machado mostra-se atento às condições sociais de seu tempo, especialmente ao período anterior à abolição da escravatura, ao demonstrar que as situações de violência contra os escravos era prática comum entre as famílias abastadas que compunham os círculos sociais respeitados e frequentavam os ambientes desejados pela elite e que não se importavam com o sofrimento do outro desde que suas necessidades fossem atendidas e priorizadas.

### **Considerações finais**

A partir da análise das personagens, é perceptível que Lucrecia representa a figura da mulher negra escravizada imersa na condição servil e também a

figura da criança que, mesmo com pouca idade, é obrigada a realizar trabalhos forçados e costuma sofrer constantemente com violências psicológica e física, através de ameaçadas e de castigos físicos praticados por sua senhora quando a menina deixa de cumprir as tarefas dentro do prazo estabelecido.

Por outro lado, Elisa representa a mulher negra e jovem que convive com sua família, o pai Julião, e não necessita realizar trabalhos forçados devido a sua condição de liberdade, fato que não impede que ela sofra com as violências praticadas pelo homem branco, assédio e estupro, que resultam em sua morte e faz com que ela acabe personificando

a subalternidade feminina e afrodescendente punida de modo trágico a partir do momento em que a relação de mando/obediência é afetada pelo desejo ou pela paixão. A violência sofrida [...] remete ao fosso social existente entre os dois estamentos. Tal fato impede que a união interétnica se processe pacificamente e sem a interferência do preconceito (DUARTE, 2009, p. 264).

Dessa forma, lançar um olhar sobre essas personagens femininas tão singulares dos contos machadianos permite apontar aspectos importantes acerca das relações sociais comumente estabelecidas durante a vigência da escravidão, pois é visível que “o autor produziu narrativas em que a condição social e humana do afro-brasileiros emerge de forma explícita e desvela o ponto de vista autoral, identificado com os que sofrem as agruras do regime patriarcal e escravista” (DUARTE, 2009, p. 262), visto que ambas são personagens negras inseridas no contexto escravocrata brasileiro é possível vislumbrar a situação de Lucrecia enquanto personagem escravizada e sujeita à servidão e de Elisa enquanto personagem em condição de liberdade e sujeita ao machismo e ao preconceito.

## Referências

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. In: *Navegações – Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013. Disponível em:

<revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787/10936>. Acesso em: 27 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Estratégias de caramujo. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *Machado de Assis afrodescendente: escritos de caramujo* [antologia]. Organização, ensaio e notas: Eduardo de Assis Duarte. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2009. p. 249-288.

KRECH, Natascha Machado. O escravo e o protegido: percepção do trabalho servil em “Virginius”. In: BERNARDO, G.; MICHAEL, J.; SCHÄFFAUER, M. (Orgs.). *Machado de Assis e a escravidão: Machado de Assis und die sklaverei*. São Paulo: Annablume, 2010. p. 147-164.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O caso da vara. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2, p. 524-529.

\_\_\_\_\_. Virginius: narrativa de um advogado. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2, p. 735-744.

TAUSCHER, Dennis. Escravidão e abolição em *Memorial de Aires* e “O caso da vara”. In: BERNARDO, G.; MICHAEL, J.; SCHÄFFAUER, M. (Orgs.). *Machado de Assis e a escravidão: Machado de Assis und die sklaverei*. São Paulo: Annablume, 2010. p. 135-146.

TRÍPOLI, Mailde Jerônimo. Machado de Assis e a escravidão. *Jornal da Unicamp*, Campinas, ano 23, n. 408, 8 a 14 set. 2008. p. 2. Disponível em <[https://www.unicamp.br/unicamp\\_hoje/ju/setembro2008/ju408\\_pag02.php#](https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/setembro2008/ju408_pag02.php#)>. Acesso em: 10 mar. 2020.

VILLAÇA, Alcides. Querer, poder, precisar: “O caso da vara”. In: *Teresa: revista de literatura brasileira*, n. 6/7. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 17-30. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116606/114194>>. Acesso em: 18 mar. 2020.